

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CAMPUS LITORAL NORTE  
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CAMILA ABREU MEDEIROS

**ENSINO DE SOCIOLOGIA:** ANÁLISE DA CULTURA INDÍGENA EM DOIS  
LIVROS DIDÁTICOS APROVADOS PELO PLANO NACIONAL DO LIVRO  
DIDÁTICO ENTRE 2012 E 2017

Tramandaí

2023

CAMILA ABREU MEDEIROS

**ENSINO DE SOCIOLOGIA: ANÁLISE DA CULTURA INDÍGENA EM DOIS  
LIVROS DIDÁTICOS APROVADOS PELO PLANO NACIONAL DO LIVRO  
DIDÁTICO ENTRE 2012 E 2017**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial e  
obrigatório para a obtenção do grau de  
Licenciada em Ciências Sociais pela  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul.

Orientadora: Dra. Carla Beatriz Meinerz.  
Coorientadora: Ma. Natana Alvina  
Botezini

Tramandaí

2023

### CIP - Catalogação na Publicação

Medeiros, Camila Abreu  
ENSINO DE SOCIOLOGIA: ANÁLISE DA CULTURA INDÍGENA  
EM DOIS LIVROS DIDÁTICOS APROVADOS PELO PLANO NACIONAL  
DO LIVRO DIDÁTICO ENTRE 2012 E 2017 / Camila Abreu  
Medeiros. -- 2023.  
44 f.  
Orientador: Carla Beatriz Meinerz.

Coorientador: Natana Alvina Botezini.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus  
Litoral Norte, Licenciatura em Ciências Sociais,  
Tramandaí, BR-RS, 2023.

1. Imagem das Culturas Indígenas. 2. Plano Nacional  
do Livro Didático. 3. Livro Didático de Sociologia .  
I. Meinerz, Carla Beatriz, orient. II. Botezini,  
Natana Alvina, coorient. III. Título.

CAMILA ABREU MEDEIROS

**ENSINO DE SOCIOLOGIA: ANÁLISE DA CULTURA INDÍGENA EM DOIS  
LIVROS DIDÁTICOS APROVADOS PELO PLANO NACIONAL DO LIVRO  
DIDÁTICO ENTRE 2012 E 2017**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial e  
obrigatório para a obtenção do grau de  
Licenciada em Ciências Sociais pela  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul.

Orientadora: Dra. Carla Beatriz Meinerz.  
Coorientadora: Ma. Natana Alvina  
Botezini

Data de aprovação: 25 de janeiro de 2023.

Banca examinadora:

---

Doutora Carla Beatriz Meinerz – Orientadora  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Doutor Jose Luis Abalos Junior  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

---

Mestra Lueci Silva Silveira  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

## **DEDICATÓRIA**

Dedico o esforço deste trabalho aos meus irmãos menores por serem minha principal motivação. Aos professores que lutam para promover na educação básica o ensinamento sobre a diversidade das Culturas Indígenas e dos povos diversos.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, “Gracias a la vida que me ha dado tanto”!

Agradeço à minha família pelo apoio, incentivo e afeto, sem os quais eu não teria chegado até aqui, meus pais Ricardo e Teresinha e meus irmãos Isaac e Gabriel.

Agradeço à minha orientadora Carla Beatriz Meinerz pelo acolhimento, paciência, incentivo e por me fazer acreditar que ao final eu conseguiria. Também à minha co-orientadora Natana Alvina Botezini por todo o apoio, dedicação e pelos áudios com dicas preciosas que enriqueceram muito meu trabalho. Distendo esse agradecimento também aos demais tutores que tivemos ao longo do curso, que assim como a Natana foram imprescindíveis e incansáveis nessa trajetória, em especial o Jose Luis Abalos Junior que sempre nos incentivou a buscar o nosso melhor dentro da graduação.

Agradeço imensamente aos meus colegas do Polo de Arroio dos Ratos, em especial a Maria Madalena, que muito mais que uma colega é uma amiga para a vida, nesses quatro anos dividimos angústias, dúvidas, conhecimentos, histórias, muitas risadas e mais do que tudo nos apoiamos “*en las buenas y en las malas*” e tenho certeza que sem ela o caminho não seria o mesmo, obrigada Mada! E claro, agradeço imensamente o apoio e amizade do Fernando Maganha e do Dioque que juntos da Mada são o meu grupo, o melhor grupo que tive o privilégio de ter.

Agradeço também a colega Cássia Rodrigues, com quem eu dividi na maior parte do tempo as angústias desse trabalho, mas também dividimos muitas alegrias e trocas que agregaram um valor enorme a essa etapa final.

E eu não poderia deixar de agradecer ao Demétrio, minha primeira inspiração para ingressar nas Ciências Sociais, e também minha maior referência em muitas áreas da vida. *Gracias* por tanto.

Agradeço a todas as pessoas que de alguma maneira me auxiliaram nessa jornada e aos amigos que sempre estiveram presentes.

Por fim, agradeço a Educação Pública, por oportunizar a uma filha de agricultores familiares a formação no ensino superior, o que infelizmente ainda é um privilégio e não um direito de todos os cidadãos brasileiros.

Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos. (KRENAK, 2019, p.16).

## RESUMO

O presente estudo visa apresentar o Ensino de Sociologia: Análise da cultura indígena em dois livros didáticos aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático entre 2012 e 2017. Nesse âmbito, o objetivo geral da pesquisa buscou identificar como os livros didáticos de Sociologia têm apresentado a cultura indígena de maneira visual e escrita após a homologação da Lei 11645/2008. Quanto aos objetivos específicos, o estudo buscou analisar a presença da temática Cultura Indígena nos livros didáticos de Sociologia utilizados na escola onde realizei o estágio de docência, observando os elementos visuais das imagens apresentadas e relacionando-as com expressões textuais correspondentes. A produção de dados para o estudo se deu através de análise documental por meio do método de análise de conteúdo e abordagem de cunho qualitativo. Observou-se o apagamento epistemológico e a desconsideração da complexidade e da pluralidade étnica dos povos originários na análise empreendida. Os resultados da pesquisa indicaram que a contribuição do livro didático de Sociologia para a compreensão qualificada e desmistificada dos povos originários ainda é muito aquém da pluralidade étnica dos mesmos, pois considerou-se a pouca visibilidade dada à diversidade dos mesmos, assim como a presença e reiteração de muitos estereótipos.

**Palavras-chave:** Imagem das Culturas Indígenas. Livro Didático de Sociologia. Plano Nacional do Livro Didático.



## **ABSTRACT**

The present study aims to present the Teaching of Sociology: Analysis of indigenous culture in two textbooks approved by the National Textbook Plan between 2012 and 2017. In this context, the general objective of the research sought to identify how Sociology textbooks have presented the culture indigenous people in a visual and written way after the ratification of Law 11645/2008. As for the specific objectives, the study sought to analyze the presence of the Indigenous Culture theme in Sociology textbooks used at the school where I took the teaching internship, observing the visual elements of the images presented and relating them to corresponding textual expressions. The production of data for the study took place through document analysis using the content analysis method and a qualitative approach. There was an epistemological deletion and disregard for the complexity and ethnic plurality of the original peoples in the analysis undertaken. The results of the research indicated that the contribution of the Sociology textbook for the qualified and demystified understanding of the originary peoples is still far below their ethnic plurality, since it was considered that the little visibility given to their diversity, as well as the presence and reiteration of many stereotypes.

Keywords: Image of Indigenous Cultures. Sociology Textbook. National Textbook Plan.

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Jovem yawalapity prepara folha de buriti para fazer artesanato (Xingu, MT, 1995).....	27
Figura 2 - Índios Umaús na Amazônia, fotografados em 1865 pelo alemão Albert Frisch .....	27
Figura 3 - O Subcomandante Marcos, em encontro com camponeses de Puebla, em fevereiro de 2006. ....	28
Figura 4 - Comunidades Kalapalo e Wuaja no Parque Indígena do Xingu .....	30
Figura 5 - Indígenas do povo Suruí, Cacoal, RO.....	31
Figura 6 - Soldados índios de Curitiba escoltando selvagens, de Debret. ....	32
Figura 7 - Charge globalização .....	33
Figura 8 - Mulheres Bororo.....	34

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APIB	Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
ATL	Acampamento Terra Livre
DF	Distrito Federal
EZLN	Exército Zapatista de Libertação Nacional
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISA	Instituto Socioambiental
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
PIB	Povos Indígenas no Brasil
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
RS	Rio Grande do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande Do Sul

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 DESENVOLVIMENTO</b> .....	17
<b>2.1 Revisão de Literatura</b> .....	17
<b>2.2 Metodologia</b> .....	21
<b>3 ANÁLISE DE DADOS PRODUZIDOS NA PESQUISA</b> .....	23
<b>3.1 Descrição das Imagens</b> .....	23
<b>3.2 História e cultura indígena nos livros didáticos de Sociologia em estudo: Desafios para o reconhecimento da pluralidade étnica</b> .....	34
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41

## 1 INTRODUÇÃO

A disciplina de Sociologia poderá abranger diversos temas a fim de promover o conhecimento e reflexões de cunho social, como a cultura indígena, por exemplo. Em vista disso, o presente estudo, na qualidade de Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tem por objetivo apresentar o “Ensino de Sociologia: Análise da cultura indígena em dois livros didáticos aprovados pelo Plano Nacional Do Livro Didático entre 2012 e 2017”. Logo, esse tema se justifica pelas minhas experiências com a diversidade sociocultural indígena ao longo do curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

Nessa perspectiva, o objetivo geral da pesquisa buscou identificar como os livros didáticos de Sociologia têm apresentado a cultura indígena de maneira visual e escrita após a implementação da Lei N° 11645/2008. Assim, a referida Lei prevê a obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena em todos os estabelecimentos de ensino fundamental e médio, incluindo os aspectos que caracterizam a formação da população brasileira a partir desses povos, suas lutas e o resgate de suas contribuições para as áreas social, econômica e política pertinentes a história do País, esses estudos deverão ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar (BRASIL, 2008).

Ademais, como objetivos específicos, o estudo buscou analisar a presença da temática Cultura Indígena nos livros didáticos de Sociologia na educação básica que são utilizados pela escola analisada e observar os elementos visuais das imagens apresentadas nos livros didáticos selecionados pela referida escola no Ensino de Sociologia. Por último, se buscou relacionar os elementos visuais e textuais apresentados nos livros didáticos em detrimento do apagamento epistemológico e de pluralidade étnica dos povos originários.

Dessa forma, a Sociologia enquanto disciplina que aborda temas relacionados à complexidade antropológica e sociológica inerentes aos povos indígenas, também deve atuar na abordagem das questões relativas à história e cultura desses povos, contribuindo com a legislação e também auxiliando no conhecimento menos estereotipado e preconceituoso no que tange os indígenas. Nesse contexto, a escola é um ambiente onde crianças e

adolescentes passam a ter contato com a diversidade cultural e com a formação de identidade, por essa razão é preciso estar apto para apresentar essas diversidades de forma a não limitar o “outro” como um ser folclórico ou até mesmo de forma muito equivocada.

Mediante isso, a falta de estudo dessa temática poderá contribuir para seu apagamento cultural e histórico. Logo, nessa formação identitária é importante que os sujeitos se reconheçam e se sintam à vontade como tal e também aprendam a conhecer, aceitar e respeitar o outro, entendendo que a sociedade é plural e multiétnica. Ademais, se torna importante analisar, entender e perceber que a temática indígena emerge da necessidade de promover a educação para a diversidade e multiculturalidade, pois vivemos em um país permeado por essas diferenças e em nosso imaginário coletivo ainda permeia o mito da democracia racial e o apagamento dos povos originários.

Assim, em tempos de pensar criticamente sobre os caminhos do desenvolvimento e do consumo, avaliar e compreender como os livros didáticos têm disseminado a imagem dos povos originários é de fundamental importância para a educação e para a formação identitária da sociedade que poderá aprender a ver com novos olhos, sem a influência colonialista, esses povos e também aprender sobre sua própria ancestralidade e história. Mediante isso, a pesquisa busca responder a seguinte questão: Como foram apresentadas as imagens da cultura Indígena nos livros didáticos de 2012 a 2017 de Sociologia adotados pela escola de ensino médio na região carbonífera do Rio Grande do Sul, a partir do marco legal – Lei 11645/2008?

A resposta a essa pergunta torna esse trabalho relevante do ponto de vista social e também traz relevância para o campo da educação. Quanto à relevância social, na região carbonífera<sup>1</sup>, região a qual pertence o município de Arroio dos Ratos, há a presença de alguns povos indígenas de etnia Mbya Guarani, a exemplo da Aldeia Pekuruty situada nas margens da BR 290, no município de Eldorado do Sul, a Aldeia Tekoá Guajayvi, localizada na Rodovia

---

<sup>1</sup> A Região Carbonífera do baixo Jacuí é composta pelos seguintes municípios do estado do Rio Grande do Sul: Arroio dos Ratos, Barão do Triunfo, Butiá, Charqueadas, Eldorado do Sul, General Câmara, Minas do Leão, São Jerônimo e Triunfo, desses, cinco pertencem à região metropolitana de Porto Alegre: Arroio dos Ratos, Charqueadas, Eldorado do Sul, São Jerônimo e Triunfo.

RS 401 no município de Charqueadas e a Aldeia Tekoá Mirim no município de Mariana Pimentel. Portanto, identificar como foram apresentadas as imagens nos livros didáticos permitem saber se há presença das características desses povos diversos ou não. Em relação à relevância para o campo da educação, se trata de identificar quais são as informações sobre os povos indígenas que esses livros divulgam.

Desse modo, com esta pesquisa pretendo analisar as imagens relacionadas à cultura indígena em dois livros didáticos de Sociologia ofertados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) entre os anos 2012 e 2017, selecionados pela escola de Ensino Médio da rede estadual na cidade de Arroio dos Ratos, RS. Esse trabalho se enquadra na metodologia qualitativa de pesquisa, onde a produção de dados se dará através de análise documental por meio do método de análise de conteúdo.

Assim, segundo Kripka, Scheller e Bonotto (2015, p.65) “o pesquisador descreve e interpreta o conteúdo das mensagens em busca de respostas para o problema de pesquisa e, assim, corrobora com a produção de conhecimento teórico relevante para a área em questão”. Logo, a pesquisa utilizou como fonte de dados os livros didáticos de Tomazi (2010) intitulado “Sociologia para o Ensino Médio” e de Silva (et al. 2013) denominado “Sociologia em Movimento”. Para complementação do estudo foi pesquisado na plataforma Google Acadêmico os seguintes descritores: Temática indígena nos livros de Sociologia, Imagens nos Livros Didático, Indígenas, PNLD Sociologia.

Com isso, a pesquisa tem como hipótese a implementação da Lei N° 11645/2008 que possibilitou a inserção da imagem indígena para além da hegemonia europeia, colonizada nos livros didáticos de Sociologia, pois a disciplina é atravessada pela presença indígena em seus conteúdos e por trabalhar com os princípios epistemológicos de estranhamento e desnaturalização (MORAES; GUIMARÃES, 2010) poderá trazer imagens indígenas relacionadas às suas complexidades sociológicas e antropológicas. Como resultado a pesquisa demonstrou que apesar de haver um aumento na quantidade de imagens relacionadas a cultura indígena no livro didático mais recente (2013) em comparação com o mais antigo (2010), a contribuição do livro didático de Sociologia para desmistificação dos povos originários ainda é muito

aquém da pluralidade étnica, pois eles dão pouca visibilidade aos povos diversos e as imagens apresentadas ainda carregam muitos estereótipos.

Dessa maneira, o trabalho está dividido em capítulos e subcapítulos. O capítulo do “Desenvolvimento” abrangeu os subcapítulos da “Revisão da Literatura” e a “Metodologia”. Logo, o capítulo que segue é da “Análise dos dados produzidos na pesquisa” e está dividido em duas seções secundárias. Na primeira seção secundária apresenta-se a “Descrição das Imagens analisadas” e na segunda seção apresenta a “História e cultura indígena nos livros didáticos de Sociologia em estudo: Desafios para o reconhecimento da pluralidade étnica”. O capítulo seguinte sintetizou as “Considerações Finais” e finaliza com as “Referências” utilizadas para a formação da pesquisa.



## **2 DESENVOLVIMENTO**

A presente seção versa sobre a revisão de literatura e metodologia do estudo acerca do “Ensino de Sociologia: Análise da cultura indígena em dois livros didáticos aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático entre 2012 e 2017” na escola de Ensino Médio da rede estadual na cidade de Arroio dos Ratos – RS no Ensino de Sociologia.

### **2.1 Revisão de Literatura**

No âmbito da Sociologia é possível encontrar a temática indígena no livro didático, como por exemplo, Carmo e Nascimento (2015) que exploraram como a exigência legal Lei 11645/2008 é contemplada em livros didáticos de Sociologia do PNLD 2015, tanto em relação às temáticas indígenas, quanto afro-brasileiras. Os autores analisaram também as imagens e ilustrações, ao fim fizeram um comparativo entre os livros. Já Araújo (2020) optou pela análise apenas da temática indígena e selecionou dois livros presentes no PNLD nos triênios 2015/2017 e 2018/2020 por conterem maior número de referências ao tema.

Seguindo, Soares (2017) fez uma pesquisa mais aprofundada sobre a temática indígena na disciplina de Sociologia, através de um levantamento e estudo dos documentos normativos influenciados pela aprovação da Lei 11645/2008, com ênfase no PNLD de 2012, 2015 e 2018. Também analisou quatro livros de Sociologia publicados antes da aprovação da lei e três exemplares de livros didáticos de Sociologia aprovados no PNLD após a lei.

Dentre a literatura revisada, esses três trabalhos enfatizaram a análise do livro didático de Sociologia, evidenciando que ainda são poucos os materiais que tratam desse assunto que tem ganhado destaque nos últimos anos em diferentes áreas relacionadas à educação. Nesse sentido, vale ressaltar que “o livro didático é um meio de comunicação através do qual o aluno recebe a mensagem escolar” por isso a importância de fazer essa análise (LUCKESI, 1999, p.143). Assim, a presença do ensino de Sociologia como disciplina obrigatória no currículo é caracterizada por uma intermitência histórica (MORAES, 2011) e foram diversos os momentos de presença e ausência da disciplina no Ensino Médio.

Quanto à obrigatoriedade da Sociologia na escola, em 2 de junho de 2008 foi aprovada a Lei Nº 11.684, no qual possui a seguinte Ementa: “altera o art. 36 da lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a filosofia e a sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio” (BRASIL, 2008). Essa lei foi um passo importante para a legitimação da disciplina que, a partir de 2012, pela primeira vez passou a integrar no Programa Nacional do Livro Didático – PNLD e as obras que se submeteram ao PNLD 2012 foram publicadas em 2010. Desde então, os livros didáticos de Sociologia estiveram presentes em três edições do programa – 2012, 2015 e 2018. Ainda, segundo Freire (2019):

Apoiado na nova lei, professores do sistema nacional de educação começam a cobrar a produção de material didático que incorpore os conhecimentos dos índios e sobre os índios. Os cursos de pedagogia e de licenciatura de diferentes universidades públicas reformulam seus currículos. Dessa forma, uma parte da sociedade brasileira manifesta, hoje, interesse em conhecer a literatura, a poesia, as narrativas míticas e os saberes tradicionais que circulam atualmente em mais de 180 línguas indígenas faladas no país. (FREIRE, 2019, p.133).

Desse modo, segundo Mocelin (2021, p.89) “os livros didáticos são importantes produtos educacionais que legitimam científica e pedagogicamente uma área de ensino, fornecendo linguagem disciplinar, mapeamento de conteúdos e estratégias de avaliação”. Logo, o PNLD é uma política pública educacional desenvolvida pelo Ministério da Educação (MEC), juntamente com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e atua na distribuição de livros didáticos e literários para as escolas públicas de Educação Básica do Brasil. Todos os livros didáticos inscritos no edital do PNLD passam por uma equipe avaliadora e após são divulgadas a resenha e as informações das obras selecionadas pelo MEC no Guia de Livros Didáticos, esse guia é encaminhado para as escolas com a finalidade auxiliar no processo de escolha dos livros que a escola irá utilizar. A distribuição das obras ocorre em ciclos trienais.

A partir disso, o ensino de Sociologia tem a função de possibilitar aos alunos uma visão crítica da sociedade na qual eles estão inseridos, pois, de acordo com Lourenço (2008, p.83) “uma aula de Sociologia deve servir de orientação para introduzir alguém a uma realidade, a um universo específico, um

espaço para desnaturalizar, questionar e debater sobre as problemáticas do meio social”. Já o livro didático, por ser uma ferramenta que possibilita complementar os conteúdos que o professor trabalha em sala de aula, deve auxiliar o trabalho com a diversidade sociocultural, para que os alunos compreendam e reconheçam a diversidade como uma característica que precisa ser respeitada.

Logo, ao pensarmos uma educação para a diversidade, se torna necessário refletir criticamente sobre a forma como essas diversidades são apresentadas na escola e qual visão se almeja transmitir a outrem. Quanto a isso, se tratando dos povos indígenas precisamos lembrar do papel fundamental que a escola de Educação Básica tem na disseminação da maneira como entendemos as sociedades indígenas e, também, como as vemos perante a sociedade contemporânea que, na maioria das vezes, é de forma errônea, pois temos uma imagem colonial do índio, que acaba não reconhecendo a diversidade desses povos – e é justamente a riqueza da diversidade sociocultural dos povos indígenas a principal arma na defesa de seus direitos (BINAWA, 2006). Para minimizar esse quadro por meio da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (LEI nº 9.394/1996) no Artigo 26-A tornou obrigatório nas escolas de Ensino Fundamental e Médio o estudo da cultura indígena e afro-brasileira, mas só em 2008 esse artigo passou a vigorar com maior destaque nas escolas brasileiras por conta da nova redação dada pela Lei Nº 11.645:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, 2008).

Nessa perspectiva, analisando artigos que trataram da importância da Educação Básica para o entendimento da diversidade sociocultural dos povos indígenas no Brasil, constatamos que a problemática indígena teve início desde a chegada dos portugueses em 1500 que tratou de mudar, desde então, as estruturas tradicionais dos povos originários em nome da religião, da civilização e da unidade nacional (KAYAPÓ, 2019). Dessa maneira, a escola nacional, como espaço de formação de identidade foi responsável pela criação do mito do indígena genérico, principalmente por conta do 19 de abril, como uma data comemorativa, que é celebrada nas escolas de forma bastante equivocada e estereotipada.

Logo, esse cenário reduziu o entendimento sobre os povos indígenas como personagens que tiveram um papel coadjuvante na história da colonização do Brasil, mas que por estarem fadados a se adaptarem a realidade de opressão colonial, acabaram se transformando em seres folclóricos, cujas culturas já foram superadas. Geralmente, nas escolas os alunos são incentivados a pintarem os rostos e reproduzirem cocares de penas entre outros adereços, cultivando o imaginário de que essa representação é autêntica ou próxima da realidade desses povos. Nesse sentido, a escola reforça um estereótipo sobre o que é ser indígena, como lembra o escritor indígena Daniel Munduruku em visitas que fez a instituições de ensino:

Já estive em escola, por exemplo, que para me recepcionar colocou todas as crianças cantando a música “vamos brincar de índio?” executada pela voz esganiçante da rainha dos baixinhos. Apesar da beleza plástica da execução e da boa intenção de quem montou a coreografia, não pude deixar de dar minha opinião sobre o tema. O pior é que em outra instituição fui recebido com a também famosa canção *one, two, three little indians...* O menos ruim, eu diria, é ver jovens batendo na boca o sempre lembrado “uh,uh,uh” [...] Nessas horas, fico sempre me perguntando qual tem sido o papel da escola na formação da consciência crítica de nossas crianças e jovens. Infelizmente, quase incondicionalmente, percebo que o caminho para a liberdade crítica é longo e deve estar a muitas léguas de todos nós brasileiros. (MUNDURUKU, 2019, p. 46).

Assim, se percebeu que Munduruku refletiu a boa intenção dos educadores que, por falta de conhecimento, acabam por repassar uma prática que limita a imagem dos indígenas àquela hegemonicamente construída ao longo dos anos. Nesse sentido, o professor indígena Edson Kayapó ressaltou o

papel da escola nessa perpetuação e também a importância da Lei n. 11.645/08 para transpassar essa construção preconceituosa e limitadora da imagem dos povos indígenas:

A escola e seus currículos têm pactuado com a reprodução de lacunas históricas e a propagação de preconceito sobre os povos indígenas, estando alinhados a interesses de grupos hegemônicos de perspectiva colonizadora. A Lei n. 11.645/2008 abre novos horizontes para o ensino da história e cultura dos povos indígenas, possibilitando o rompimento com o silêncio e com a memória produzida pelos grupos hegemônicos, colocando sob suspeita o currículo que produz e reproduz a invisibilidade e a inaudibilidade destes povos, rejeitando o reducionismo de suas memórias e histórias. (KAYAPÓ, 2019, p.59).

Com isso, atualmente, um dos desafios trata de reverter esse quadro que favoreceu o apagamento epistemológico dos saberes dos povos originários, e também o apagamento de suas pluralidades étnicas, situação reforçada pela escola e o material didático de acordo com estudos de Zamboni e Bergamaschi (2009). Em termos estatísticos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010 foram contabilizadas 305 etnias indígenas no Brasil e foram identificadas 274 línguas faladas, ou seja, estes povos formam uma ampla diversidade que não é visibilizada pela sociedade comum. Nas palavras de Freire (2019, p.129) “a escola se tornou um dos lugares em que circulam os preconceitos sobre os índios, onde o material didático desempenha um papel ideológico nas práticas pedagógicas do dia a dia do professor” revelando assim a importância do livro didático para as práticas docentes, que muitas vezes são pautadas pelo conteúdo que este material traz.

## 2.2 Metodologia

A produção de dados para responder o problema de pesquisa de como foram apresentadas as imagens da cultura indígena nos livros didáticos de 2012 a 2017 de Sociologia adotados pela escola de ensino médio na região carbonífera do Rio Grande do Sul, a partir do marco legal – Lei 11645/2008, se deu através de análise documental por meio do método de análise de conteúdo. Assim, segundo Kripka, Scheller e Bonotto (2015) é uma técnica que:

[...] consiste na investigação do conteúdo simbólico das mensagens (conteúdo dos documentos) cuja função é encontrar respostas para as

questões formuladas e/ou confirmar hipóteses estabelecidas previamente e também descobrir o que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências, do que está sendo comunicado (Gomes, 2001). O pesquisador descreve e interpreta o conteúdo das mensagens em busca de respostas para o problema de pesquisa e, assim, corrobora com a produção de conhecimento teórico relevante para a área em questão. (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO; 2015, p.65).

Dessa forma, o estudo também foi complementado através da base de pesquisa Google Acadêmico, cujos descritores utilizados foram: Temática indígena nos livros de Sociologia, Imagens nos Livros Didático, Indígenas, PNLD Sociologia. Seguindo, a pesquisa se configura como uma abordagem qualitativa, pois a intenção da análise é observar a presença ou ausência das imagens dos povos indígenas e não apenas a frequência com que aparecem nos livros didáticos. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa utiliza uma abordagem naturalista que procura “compreender os fenômenos em cenários específicos, como o cenário do mundo real [onde] o pesquisador não tenta manipular o fenômeno de interesse” (PATTON, 2002, p.39). Em outros termos, a pesquisa qualitativa é compreendida como:

(...) um termo genérico para designar um conjunto de tradições tais como a etnografia, a fenomenologia, a biografia, a teoria fundamentada, os estudos de caso, etc. Estas tradições de pesquisa utilizam diferentes perspectivas teórico-metodológicas, mas possuem características comuns e típicas da pesquisa qualitativa. (MOREIRA e CALEFFE, 2008, p.60).

Logo, a pesquisa terá como fonte de dados os seguintes livros didáticos de Sociologia, fornecidos pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, entre os triênios de 2012 a 2014 e 2015 a 2017, utilizados pela referida escola: “Sociologia para o Ensino Médio”, de Nelson Dacio Tomazi (2010) e “Sociologia em Movimento” de Afranio Silva et al. (2013). Assim, em detrimento do critério de análise do estudo, se considerou a concepção de Bardin (1977), no qual divide a análise de conteúdo em três fases: pré-análise, exploração de material e tratamento dos resultados.

Na primeira fase, de pré-análise, se organiza o material e são escolhidos os documentos que irão constituir o *corpus* de análise da pesquisa. Dessa maneira, os dois livros didáticos foram escolhidos pela instituição de ensino de

Arroio dos Ratos – RS e utilizado nos últimos anos, desde a promulgação da Lei 11.645/2008. A escola referida é a única da rede pública estadual no município que oferece Ensino Médio e conta com aproximadamente 861 alunos. Já a pesquisadora escolheu essa escola pela proximidade local em relação à sua residência e por ter efetuado o estágio curricular acadêmico na mesma.

Passada a etapa de escolha dos documentos que serão utilizados para análise de conteúdo, outro aspecto importante a ser relatado é sobre o acesso a esse conteúdo (GODOY, 1995). Nesse caso, por serem livros que ainda restavam alguns exemplares no acervo da biblioteca da escola, pude levá-los para casa e dessa maneira preparar esse material para a análise mais detalhada. Concluída a etapa de pré-análise, a próxima etapa é a de exploração do material. Nesse procedimento, optei pela leitura flutuante de ambos os livros com a finalidade de identificar as imagens contidas dos povos indígenas. Assim, esse processo de identificação é denominado codificação e tem como unidade de análise a presença das imagens referidas. Depois de realizado o inventário das imagens encontradas nos livros, se iniciou o processo de análise e tratamento dos resultados.

### **3 ANÁLISE DE DADOS PRODUZIDOS NA PESQUISA**

Essa seção tem por objetivo apresentar analiticamente a descrição das imagens encontradas nos livros didáticos escolhidos para o estudo, considerando a presença ou ausência das histórias e das culturas indígenas no ensino de Sociologia e observando os desafios para o reconhecimento da pluralidade étnica dos povos originários no Brasil.

#### **3.1 Descrição das Imagens**

O presente tópico tem por objetivo responder à questão problematizadora de como foram apresentadas as imagens da cultura Indígena nos livros didáticos de 2012 a 2017 de Sociologia adotados pela escola de ensino médio na região carbonífera do Rio Grande do Sul, a partir do marco legal – Lei 11645/2008. Para tal, o método de análise de conteúdo de Bardin (1977) foi utilizado, como

mencionado anteriormente. Dessa forma, o método consiste em realizar uma leitura flutuante inicial e depois uma categorização dos dados por semelhanças e distinções. Primeiramente, antes de adentrar no universo da análise propriamente, me aprofundarei, de forma breve, no conceito de imagem.

Dentro desse contexto, a concepção de imagem como uma representação repleta de significados culturais é ressaltada por Sampaio (2017). Logo, a autora também analisou imagens em livros didáticos e dialogando com os estudos de Hans Belting (2014) afirmou que o conceito de imagem “deve ser compreendido a partir de uma abordagem antropológica, não no que se refere a uma disciplina, mas sim, porque o significado de tal conceito é culturalmente determinado” (SAMPAIO, 2017, p.30). Em outras palavras, uma imagem carrega os resultados de simbolizações construídas através do meio e sua compreensão passa primeiramente por essas construções culturais.

Ainda, segundo Belting (2014<sup>2</sup>, p. 23 *apud* SAMPAIO, 2017, p.36), “o conceito de imagem só pode enriquecer-se se falarmos de imagem e de meio como duas faces de uma mesma moeda, que são impossíveis separar, embora estejam separadas pelo olhar e signifiquem coisas diferentes”. No caso do meu estudo é importante considerar o meio em que o livro didático é produzido, pois não se trata apenas de analisar as imagens sobre povos indígenas de uma forma isolada, mas observar a maneira como elas estão incorporadas no livro, inclusive na relação com textos e contextos.

Após analisar o livro Sociologia para o Ensino Médio, de Tomazi (2010), PNLD 2012/2014, considerando que essa análise foi realizada através de leitura flutuante para conhecer o conteúdo do livro didático, busquei identificar, inicialmente, as figuras relacionadas aos povos indígenas e, no livro supracitado, encontrei apenas três. Assim, num conjunto de tantas ilustrações, três já revelaram a minoração concedida ao tema e à presença dessas pessoas e povos não brancos. Das três imagens, verifiquei que duas delas estão relacionadas à representação dos indígenas num contexto de vida na mata, em locais citados nos textos como “tribos”. Ainda percebi que a terceira imagem é uma fotografia do Subcomandante Marcos, líder mexicano do Exército Zapatista de Liberação

---

<sup>2</sup> BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**. 1.ed. Lisboa, Portugal: KKYM + EAUM/Escola de arquitetura, Universidade do Minho, 2014, p.23 *apud* SAMPAIO, 2017, p.36.



Nacional (EZLN) cuja subjetividade é associada ao mundo indígena e aos processos revolucionários de autonomia e libertação territorial nos anos 90 do século XX em Chiapas, México (MIRANDA, 2019). Desse modo, sigo com uma análise de cada imagem, a partir de categorias como estereotipação<sup>3</sup>, reificação do indígena como povo único e vinculado ao passado.

Logo, a primeira figura encontrada no livro, referente aos povos indígenas, está na abertura da Unidade 2, página 36 e se repete no capítulo 4, na página 38, ilustrando um texto sobre trabalho e produção em sociedades tribais. Observa-se uma mulher desenvolvendo um trabalho artesanal, embora a fotografia tenha um corte que mostre apenas da cintura para cima e tenha o plano de fundo bastante escuro, ainda é possível observar que ela estaria vestindo poucas roupas ou estaria nua. Já a legenda da fotografia a identifica como uma jovem Yawalapity<sup>4</sup>, preparando folhas de buriti para fazer artesanato e o texto que segue na legenda indica que em sociedades tribais todos compartilham os conhecimentos para a obtenção de matérias-primas e a elaboração de objetos, enfatizando que apenas a idade e o sexo definem a divisão das tarefas.

Essa maneira de caracterizar os povos indígenas como povos somente do passado, ainda com características de sociedades tribais pode ser considerada uma estereotipação desses grupos, pois reitera uma ideia de homogeneidade, como se todas essas comunidades compartilhassem de uma mesma organização social, sem ter nenhuma particularidade e tampouco diversidade. Segundo Munduruku (2019, p.51) “a palavra tribo está inserida na compreensão de que somos pequenos grupos incapazes de viver sem a intervenção do Estado. Ser tribo é estar sob o domínio de um senhor ao qual se deve reverenciar”.

A segunda figura aparece no capítulo 18, na página 174, onde é trabalhado o conceito de cultura, ilustrando um texto que trata da convivência com a diferença e etnocentrismo. A ilustração é uma fotografia de 1865, feita por

---

<sup>3</sup> De acordo com Fleuri (2006, p.498) “estereótipo representa uma imagem mental simplificadora de determinadas categorias sociais. Funciona como um padrão de significados utilizado por um grupo na qualificação do outro”.

<sup>4</sup> Segundo o site Pib Socioambiental, o povo Yawalapity habita a região conhecida como Alto Xingu, localizada na parte sul do Parque Indígena do Xingu, no estado brasileiro de Mato Grosso. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yawalapiti>. Acesso em: 17 dez. 2022.

Albert Frisch, no qual é possível identificar dois indígenas às margens de um rio, usando o que poderia ser chamado de vestimentas típicas, adornados com cocar, colares e outros paramentos, nas mãos carregam o que pode ser associado como um instrumento de caça ou pesca. A imagem do século XIX remete a um caráter bucólico retratando indígenas no passado e do passado, com seu viver muito distante da sociedade ocidental. A legenda que segue a figura é a seguinte:

“Exotismo” para consumo europeu: Índios Umuauás nas margens do rio Japurá, na Amazônia, fotografados pelo alemão Albert Frisch. Novidade no mercado, imagens como esta foram produzidas às centenas pela Casa Leuzinger, a maior empresa de impressão e artes gráficas do Brasil no século XIX. Não só fizeram um grande sucesso comercial, como valeram ao editor, o suíço Georges Leuzinger, uma menção honrosa na Exposição Universal de Paris de 1867. (TOMAZI, 2010, p. 174).

Essa legenda permitiu uma reflexão de como a imagem dos indígenas foi por muito tempo usada como um produto para o consumo europeu, o que ajudou a reforçar o estereótipo do índio exótico, pois a estampa de um indígena genérico servindo de atrativo comercial, fez com que os povos indígenas do presente não fossem reconhecidos como de procedência legítima (SOARES; PEIXOTO, 2017) por não reproduzirem de maneira fiel o velho estereótipo de “bom selvagem”. As duas iconografias referidas encontradas no livro didático reforçaram a imagem do indígena autêntico do imaginário popular: vivendo em tribos em áreas afastadas da sociedade contemporânea e simbolizando um ícone do passado. Logo, a Figura 1 retrata a Jovem yawalapity e a Figura 2 apresentam os Índios Umaús na Amazônia, respectivamente:

Figura 1 - Jovem yawalapity prepara folha de buriti para fazer artesanato (Xingu, MT, 1995).



Fonte: Livro didático Sociologia para o Ensino Médio (TOMAZI, 2010, p.38).

Figura 2 - Índios Umaús na Amazônia, fotografados em 1865 pelo alemão Albert Frisch.



Fonte: Livro didático Sociologia para o Ensino Médio (TOMAZI, 2010, p.174).

A terceira ilustração encontrada relacionada aos povos indígenas apareceu em um contexto bem diferente das duas imagens anteriores, pois se trata do Subcomandante Marcos que na legenda está identificado como líder do

Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), vestindo um boné quepe militar e gorro estilo balaclava<sup>5</sup> que esconde seu rosto. A imagem ilustrou um texto de apoio da seção *Cenário*<sup>6</sup> encontrado no capítulo 22 denominado “Revolução e transformação social”. O texto em questão se referiu ao levante do EZLN ocorrido em 1994 no estado mexicano de Chiapas, cujos povos indígenas são os principais atores do movimento que reivindicavam uma democracia participativa e anticapitalista, que valorizasse as culturas indígenas, bem como seus direitos coletivos e individuais.

Na primeira vista, a imagem do Subcomandante Marcos, sem rosto e descontextualizada pode causar um sentimento de medo ou terror, na análise de Santos e Herrera (2019). No entanto, utilizar o mascaramento coletivo pode ser entendido como uma performance política que busca uma desidentificação com os estereótipos já estabelecidos, porém não é esse o entendimento que podemos ter ao ver a imagem no livro didático, pois a iconografia isoladamente pode expressar mais uma vez o vínculo do indígena com o estereótipo do selvagem, capaz de aterrorizar ou barbarizar. Segue a Figura 3 - O Subcomandante Marcos, em encontro com camponeses de Puebla, em fevereiro de 2006:

Figura 3 - O Subcomandante Marcos, em encontro com camponeses de Puebla, em fevereiro de 2006.



Fonte: Livro didático Sociologia para o Ensino Médio (TOMAZI, 2010, p.223).

<sup>5</sup> Chamada em espanhol de *pasamontañas*, é uma vestimenta que cobre a cabeça e o rosto, utilizada em regiões montanhosas da América Latina.

<sup>6</sup> A seção *Cenário* está presente em todos os capítulos do livro didático.

Em suma, são essas as três imagens contidas no livro didático Sociologia para o Ensino Médio, de Tomazi (2010). De forma geral, essas imagens mostraram um contexto cultural de pouca compreensão da complexidade da vida social e cultural dos povos indígenas no passado e no presente. Por outro lado, no livro Sociologia em Movimento, de Silva et al, PNLD 2015/2017, encontrei cinco imagens relacionadas aos povos indígenas. Essas ilustrações mostraram indígenas em contextos diferentes, três são fotografias atuais e as outras duas são desenhos, sendo uma a representação da pintura histórica de Debret que retratou povos do passado no século XIX e a outra é uma charge do artista Dorinho.

A primeira imagem é uma fotografia de 2011 que se encontra no capítulo 3 e trata dos temas cultura e ideologia, na página 60. A foto está situada no box *Saiba mais*<sup>7</sup>, intitulado Antropologia Evolucionista, no qual é possível observar um grupo de indígenas identificados como pertencentes a Comunidades Kalapalo e Wuaja<sup>8</sup> em um ritual, talvez de dança, dispostos lado a lado, todos são homens, vestiam adornos tradicionais como faixas ao redor das pernas, tornozelos e joelhos, cintura e pulsos, os corpos totalmente pintados, na cabeça utilizam cocares de penas e observa-se também que alguns estão calçando tênis. Na legenda da ilustração é enfatizado que “para o evolucionismo as sociedades como modo de organização não industrial representam estágios anteriores na evolução cultural” (SILVA et al., 2013, p.60).

A segunda imagem foi encontrada na página 64, que também pertence ao capítulo 3 e está ilustrando um texto sobre etnocentrismo e relativismo cultural. Com isso, se pode observar 4 jovens indígenas na floresta, manuseando uma câmera fotográfica. Os jovens vestiam camisetas, usavam colar e pulseira e um deles possui a palma da mão pintada de preto. A legenda descreveu que

---

<sup>7</sup> No livro didático Sociologia em movimento (2013) os boxes intitulados *Saiba mais* introduzem informações complementares para compreender a abrangência do tema do capítulo.

<sup>8</sup> Segundo o site Pib Socioambiental os Povos Kalapalo e Wuaja habitam o Parque Nacional do Xingu, no estado do Mato Grosso.

Kalapalo – Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kalapalo>. Acesso em: 17 dez. 2022.

Wuajá – Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wauj%C3%A1>. Acesso em: 17 dez. 2022.



indígenas da tribo Suruí<sup>9</sup> utilizam câmeras e GPS para monitorar a reserva contra desmatamento ilegal, na Aldeia Lapenha, em Cacoal no estado de Rondônia. Mais uma vez, a palavra tribo está sendo utilizada ao se referir aos povos indígenas, como no livro Sociologia para o Ensino Médio. Segue a Figura 4 - Comunidades Kalapalo e Wuaja no Parque Indígena do Xingu e a Figura 5 - Indígenas do povo Suruí, Cacoal, RO, respectivamente:

Figura 4 - Comunidades Kalapalo e Wuaja no Parque Indígena do Xingu.



Fonte: Livro didático Sociologia em Movimento (SILVA et al., 2013, p.60)

---

<sup>9</sup> Segundo o site Pib Socioambiental o povo Suruí se autodenominam Paiter, e vivem em uma região fronteiriça, ao norte do município de Cacoal (estado de Rondônia) até o município de Aripuanã (estado do Mato Grosso) na Terra Indígena (TI) Sete de Setembro. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Surui\\_Paiter](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Surui_Paiter). Acesso em 17 dez. 2022.

Figura 5 - Indígenas do povo Suruí, Cacoal, RO.



Fonte: Livro didático Sociologia em Movimento (SILVA *et.al*, 2013, p.64)

A terceira figura apresentou a reprodução da litogravura histórica “Soldados índios de Curitiba escoltando selvagens” do pintor francês Jean Baptiste Debret e pertence ao álbum *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* (1834-1839). A ilustração está na página 114 do livro didático, no capítulo 5 que trata dos temas raça, etnia e multiculturalismo e abrangeu o texto sobre teorias raciais e eugênicas. Já na legenda consta que o racismo é uma maneira de justificar a dominação de um grupo sobre outro.

Continuando, na pintura de Debret, há três soldados, que pelo título da obra, podem ser compreendidos como indígenas, escoltando duas mulheres indígenas e quatro crianças. Os soldados utilizavam roupas e armas do estilo europeu, nas mãos portam espingardas, um deles vai na frente, os outros dois mais atrás e no meio deles estão duas mulheres. A primeira está com os braços presos para trás e uma criança segura-se em sua cintura, nela há uma corda que se liga a segunda mulher que carrega uma criança em seus ombros e há mais duas crianças segurando-se a ela pela cintura.

Tanto as mulheres quanto as crianças estão nuas, simbolizando os índios selvagens que o pintor retratava em suas obras. Segundo Almeida (2009), Debret classificava os índios que retratava entre selvagens e civilizados: os selvagens são aqueles que ele retratou na natureza, vivendo afastados no

interior brasileiro e o civilizado aqueles que usam roupas e os utensílios da cultura europeia. Segue Imagem 6 – Soldados índios de Curitiba escoltando selvagens, de Debret:

Figura 6 - Soldados índios de Curitiba escoltando selvagens, de Debret.



Fonte: Livro didático Sociologia em Movimento (SILVA et al., 2013, p.114)

Após isso, na página 304 há uma seção de atividades<sup>10</sup> relacionadas ao capítulo 12 do livro didático, que trata dos temas Globalização e integração regional. Entre as atividades, a questão 2 apresentou uma ilustração do cartunista Dorinho que mostrou um pequeno grupo de indígenas à beira de uma praia observando a chegada de caravelas dos exploradores portugueses. Um dos observadores disse: “Pronto. Está começando a globalização”. A presença da charge na questão busca auxiliar na interpretação de como se iniciou o processo de globalização, relacionando-o com o movimento de expansão marítima que possibilitou o expansionismo mercantilista europeu nos séculos XV e XVI. Em seguida, a Figura 7 – Charge globalização:

---

<sup>10</sup> Ao final de todos os capítulos do livro Sociologia em Movimento há a seção de atividades que contém questões para pesquisa, debate, reflexão e revisão.



Figura 7 - Charge globalização.



Fonte: Livro didático Sociologia em Movimento (SILVA et al., 2013, p.304)

A última figura encontrada no livro, relacionada aos povos indígenas, é uma fotografia encontrada na página 351, no capítulo 14 que trabalhou os temas gênero e sexualidade, no box *Saiba Mais*, no qual apresentou um trecho do texto de Christian Feest, Bororo – “A joia da coroa para a antropologia”, contendo a estrutura de parentesco entre os Bororos<sup>11</sup>. Logo, a figura descreveu a configuração dessa sociedade, que se divide em clãs e os casamentos ocorrem entre os pertencentes do clã oposto e depois do casamento são os homens que se mudam para a casa de suas esposas, transferindo-se para o outro lado da aldeia e a herança de pertencimento se faz pelo lado materno.

Assim, a imagem que ilustra esse povo é um grupo de “mulheres Bororo e de mais nove etnias reunidas no II Seminário para mulheres indígenas em Juara, Mato Grosso em setembro de 2012” (SILVA et al. 2013, p. 351). Na fotografia observamos algumas mulheres andando, todas vestiam roupas comuns, como bermuda jeans, camiseta e calçam sandálias. As mulheres também usavam adornos tradicionais, colares, tornozeleiras e pulseiras típicas de suas etnias. Apenas algumas delas estavam usando cocar de penas. Ao

<sup>11</sup> Segundo o site Pib Socioambiental, o povo Bororo vive no estado do Mato Grosso e detêm seis Terras Indígenas demarcadas no estado, num território descontínuo e descaracterizado, que corresponde a uma área 300 vezes menor do que o território tradicional.

fundo, observa-se que há uma construção de alvenaria, adiante há uma construção que parece ser de taipa<sup>12</sup> e percebe-se também uma caixa d'água no alto, em nível com o telhado da construção. Segue a Figura 8 – Mulheres Bororo:

Figura 8 - Mulheres Bororo.



Fonte: Livro didático: Sociologia em Movimento (SILVA et al., 2013, p.351)

Dessa maneira, se percebeu que as imagens nos livros didáticos de Sociologia carregam compreensões dos próprios autores. Além disso, se pode constatar que essas imagens refletiram a sociedade indígena carregada de artefatos culturais.

### **3.2 História e cultura indígena nos livros didáticos de Sociologia em estudo: Desafios para o reconhecimento da pluralidade étnica**

O presente tópico busca realizar uma análise do conjunto das imagens, baseando-se nas características já descritas no item anterior, apresentadas nos livros didáticos de Sociologia que foram utilizados pela escola selecionada para o estudo. De modo geral, em nenhum dos dois livros didáticos a temática indígena é tratada de maneira exclusiva ou específica em algum dos capítulos, nem em seus subcapítulos. Logo, para auxiliar no comparativo entre o livro

---

<sup>12</sup> Construção em taipa, ou pau-a-pique, consiste em método que utiliza barro e madeira para erguer paredes.

didático de Tomazi (2010) e Silva *et al.* (2013), segue o Quadro 1 - Relação das Imagens nos Livros Didáticos de Sociologia analisados:

Quadro 1 – Relação das Imagens nos Livros Didáticos de Sociologia analisados.

Nº da Figura	Título do Livro Didático	Tema/Conceito relacionado	Características da imagem
Figura 1	Sociologia para o Ensino Médio	Trabalho e produção em sociedades tribais	Fotografia de Mulher indígena desenvolvendo trabalho artesanal.
Figura 2	Sociologia para o Ensino Médio	Etnocentrismo	Fotografia do séc. XIX retratando os indígenas como figura exótica.
Figura 3	Sociologia para o Ensino Médio	Revolução e transformação social	Imagem do Subcomandante Marcos com o rosto coberto por uma balaclava.
Figura 4	Sociologia em Movimento	Antropologia evolucionista	Grupo Indígena em preparação para um ritual, talvez de dança.
Figura 5	Sociologia em Movimento	Etnocentrismo e Relativismo Cultural	Jovens indígenas manuseando uma câmera fotográfica na Aldeia Lapetanha, em Cacoal, RO.
Figura 6	Sociologia em Movimento	Teorias raciais e eugênicas	Representação da obra de arte <i>Soldados Índios de Curitiba escutando Selvagens</i> , de Debret.
Figura 7	Sociologia em Movimento	Globalização	Charge crítica a Globalização.
Figura 8	Sociologia em Movimento	Gênero e sexualidade	Mulheres da Etnia Bororo reunidas.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Assim, quando as imagens surgiram nos textos principais estavam servindo apenas de ilustração para os conceitos que estavam sendo discutidos, como, por exemplo, etnocentrismo ou teorias raciais e eugênicas. Entretanto, em nenhum desses textos houve menções diretas aos povos indígenas que estão representados nas figuras, ou seja, essas imagens foram mais ilustrativas do que informativas, mesmo nas vezes em que essas imagens apareceram em seções ou boxes de informações adicionais, como é o caso das Figuras 3, 4 e 8, foi somente no box onde se encontrou a Figura 8 que o texto adicional se referiu a uma determinada etnia indígena, mencionando características da estrutura social e parental desse povo.

Ademais, a grande maioria das imagens apresentou os indígenas como habitantes da floresta, ainda que estivessem em contato com objetos relacionados à cultura urbana, como é o caso da Imagem 5, onde jovens do povo Suruí estavam manejando uma câmera fotográfica. Outra característica que chama atenção é que em grande parte das ilustrações a figura do indígena estava relacionada ao passado, mesmo quando representados no presente, no

qual prevaleceu o estereótipo do indígena genérico, aquele que possui pinturas corporais, usa cocar, anda desnudo e não participava da vida política e social do país na qualidade de cidadão. Tal característica acaba por reforçar padrões de normalidade branca e evita problematizar o conceito de direito a diferença, próprio da Constituição Brasileira em vigência e igualmente noção fundamental do ensino de Sociologia.

Nesse aspecto, os livros evidenciaram a ausência da participação indígena em movimentos sociais, dos quais eles eram protagonistas ativos, como o exemplo do Acampamento Terra Livre (ATL) que é uma Assembleia dos Povos e Organizações Indígenas que ocorreu desde o ano 2004 no mês de abril em Brasília – DF. Essa organização surgiu como protesto contra as políticas indigenistas vigentes na época e no ano seguinte foi consolidado as estruturas para a contínua mobilização dos Povos Indígenas do Brasil, com a criação da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB).

Uma outra característica que se diferenciou foi na Figura 7, uma charge que se utiliza do protótipo de indígena genérico para tecer uma crítica ao movimento de colonização, ilustrado através de caravelas e referenciado ironicamente como movimento precursor da globalização. Tal apontamento revela um contraste com a Imagem 6, compreendida como representação clássica que se tem do indígena, mostrando a dicotomia do bom e do mau selvagem (GRUPIONI, 1995).

Por outro lado, uma característica importante a ser observada nos livros didáticos analisados diz respeito ao fato de que suas narrativas podem contribuir para um apagamento epistemológico dos conhecimentos próprios da pluralidade étnica dos povos indígenas. Isso pode ser percebido nas imagens que estão relacionadas geograficamente apenas aos indígenas do Centro-Oeste e Norte do país, com destaque para os povos que vivem na região do estado do Mato Grosso, revelando uma profunda ausência de indígenas do Sul do Brasil.

Essa ausência dos indígenas do Sul do País nos livros didáticos não é exclusividade da área de Sociologia, é um fato que já foi discutido pelos próprios indígenas que vivem nessa região, como Danilo Braga, Kaingang do Rio Grande do Sul, mestre em História pela UFRGS que em uma entrevista para a revista Instituto Humanitas Unissinos relatou que:

Os livros didáticos apresentados nas escolas gaúchas trazem figuras do Norte e da Amazônia, mostram imagens dos xavantes, dos caiapós, para apresentar os índios. Há muito por ser trabalhado ainda nesse sentido. Nós estamos apenas começando, tanto que eu sou o primeiro a entrar no mestrado do departamento de História. Espero que, com outros companheiros, possamos trabalhar para divulgar a nossa imagem dentro do Rio Grande do Sul e mostrar que nós estamos presentes no estado, sim; que nós somos cidadãos e que temos direitos específicos. (BRAGA, 2011, *online*).

Quanto ao apagamento epistemológico nos livros didáticos de Sociologia analisados, não há em nenhum momento a presença de saberes teóricos dos povos originários. Essa negação da diversidade de saberes é chamada por Boaventura dos Santos (1998) de epistemicídio, que consiste num processo político-cultural no qual se destrói o conhecimento produzido por grupos sociais subordinados. O epistemicídio é resultado da colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) que instaurou o conceito de raça e identidade racial como forma de classificar socialmente as pessoas utilizando da cor e dos traços fenóticos dos colonizados para classificá-los como inferiores. De acordo com Mondardo (2020), a colonialidade do saber e do poder ignorou os saberes dos povos originários. Por conseguinte:

É possível afirmar que os territórios de povos indígenas e comunidades tradicionais produzem conhecimentos populares geradores de práticas espaciais alternativas e descolonizadas como caminho para a resistência anticapitalista. Assim, é importante reconhecer o pluriverso das lutas territoriais e emancipatórias, num mundo onde caibam outros mundos-territórios construídos por meio da potencialidade das pluriterritorialidades. (MONDARDO, 2020, p.17).

Nesse sentido, as imagens e textos observados nos livros didáticos de Sociologia, objetos desse estudo, não abrem margem para que se veja além do estereótipo, pois as legendas das figuras enaltecem os povos indígenas como povos circunscritos a um cotidiano de aldeamento com a civilização. Ainda, as imagens reforçaram o visual de povos exóticos, cuja complexidade sociológica e antropológica pode ser percebida pelo fato de que vivem em áreas distantes da civilização moderna.

Posto isto, a educação nacional por muito tempo contribuiu com a disseminação da ideia de que povos indígenas possuem cultura homogênea relatando uma condição genérica dos índios e encobrendo a sociodiversidade desses povos (NASCIMENTO, 2019). Assim, com o advento da Lei 11645/2008

foi necessário introduzir conhecimentos sobre as sociodiversidades indígenas, suas contribuições nas áreas social, econômica e política no desenvolvimento da história do Brasil e na contemporaneidade aos materiais didáticos pedagógicos e nos currículos escolares.

Porém, ao terminar a análise dos livros didáticos de Sociologia aprovados no PNL D de 2012 e 2015, Sociologia para o Ensino Médio (TOMAZI, 2010) e Sociologia em Movimento (SILVA et al, 2013), cabe reforçar que a cultura indígena foi apresentada visual e textualmente nesses dois livros cercada de estereótipos, inclusive nas legendas das imagens que utilizavam termos inapropriados para se referir a esses povos. Nas imagens, por exemplo, predominavam a generalização de traços culturais de um povo para os demais, como o exemplo do uso de cocares, pinturas corporais, o manejo com artesanato entre outros. Houve também o realce de imagem de índio verdadeiro ou índio puro, pois em nenhum momento as ilustrações colocaram indígenas inseridos na sociedade contemporânea desenvolvendo atividades que não estivessem relacionadas àquelas desenvolvidas nas aldeias.

Dessa forma, apesar de haver um aumento da quantidade de imagens relacionadas à cultura indígena no livro didático mais recente (Sociologia em Movimento) em comparação com o mais antigo (Sociologia para o Ensino Médio), a presença da cultura indígena é muito tímida. Logo, a contribuição do livro didático de Sociologia para desmistificação dos povos originários ainda é muito aquém da pluralidade étnica, pois houve pouca visibilidade aos povos diversos e as imagens apresentadas ainda carregam muitos estereótipos reforçando apenas um modelo de cultura indígena em detrimento das demais, como se estivessem todos localizados apenas na região Centro-Oeste do país, caracterizando, assim, o apagamento da diversidade sociocultural desses povos, no qual pode ser percebido pela falta de conhecimento dessa cultura nos livros analisados.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo possibilitou compreender o Ensino de Sociologia na promoção de conhecimentos e reflexões acerca da cultura indígena nos didáticos aprovados pelo Plano Nacional Do Livro Didático (PNLD) entre os anos de 2012 e 2017. Logo, o interesse pelo estudo das imagens da cultura Indígena veiculadas nos livros didáticos de Sociologia se deu pela minha proximidade com o tema diversidade sociocultural indígena ao longo da Licenciatura em Ciências Sociais. Com isso, busquei nesse estudo responder como foram apresentadas as imagens da cultura Indígena nos livros didáticos de Sociologia adotados pela escola onde realizei o estágio de docência, na cidade de Arroio dos Ratos, RS, a partir do marco legal – Lei 11645/2008.

Nesse âmbito, o principal objetivo dessa pesquisa foi identificar como os livros didáticos de Sociologia apresentaram a cultura indígena de maneira visual e escrita após a implementação da lei supracitada. Para isso foi importante analisar todas as imagens relacionadas à cultura indígena encontradas nos livros didáticos selecionados para esse estudo. O objetivo foi atingido, uma vez que todas as figuras foram descritas e analisadas criticamente, bem como os respectivos textos. A partir disso, percebeu-se que foram poucas as referências direcionadas aos povos indígenas, na maioria das vezes as imagens foram meras ilustrações de conceitos que estavam sendo discutidos no texto principal. Assim, mesmo quando as imagens apareceram de forma complementar em boxes e seções secundárias, somente em um dos casos o conteúdo estava relacionado a uma determinada etnia indígena.

Ainda, para se atingir essa compreensão foram definidos três objetivos específicos, que buscaram analisar e observar a presença da temática indígena nos livros didáticos referidos além de relacionar os elementos visuais e textuais com o apagamento epistemológico e de pluralidade étnica dos povos originários. Dessa forma, constatou-se que as imagens veiculadas nesses livros ainda reproduzem estereótipos dos indígenas a uma cultura genérica.

Observou-se também que houve um aumento da quantidade de imagens relacionadas à cultura indígena no livro didático mais recente, Sociologia em Movimento (2013), em comparação com o mais antigo, Sociologia para o Ensino Médio (2010). Nessa análise, algumas das imagens evidenciaram

particularidades de determinados grupos, porém a presença da cultura indígena é ainda muito tímida e a contribuição do livro didático de Sociologia para desmistificação dos povos originários ainda é muito aquém da pluralidade étnica que esses povos apresentam.

Dessa forma, essa análise contradiz a hipótese inicial de que a implementação da Lei N° 11645/2008 possibilitou a inserção da imagem indígena para além da hegemonia europeia, colonizada nos livros didáticos de Sociologia, pois as representações desses povos nos livros ainda são bastantes próximas daquelas que remetem ao indígena genérico, exótico e pertencente ao passado. Por fim, os resultados obtidos na pesquisa em detrimento dos objetivos propostos foram satisfatórios no âmbito da existência de imagens para serem analisados quanto à cultura indígena nos livros didáticos de Sociologia, porém esse não é um tema esgotado e novas análises referentes à cultura indígena no que tange o ensino de Sociologia podem vir a ser realizadas, buscando ampliar e atualizar esse tema.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. Índios mestiços e selvagens civilizados de Debret reflexões sobre relações interétnicas e mestiçagens. **Varia História [online]**. 2009, v. 25, n. 41 [Acessado 17 Dezembro 2022], pp. 85-106. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752009000100005>. Epub 28 Ago 2009. ISSN 1982-4343. <https://doi.org/10.1590/S0104-87752009000100005>.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.  
BASSO, Ellen. Kalapalo. **Povos indígenas no Brasil**, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kalapalo>. Acesso em: 17 dez. 2022.

BARCELOS NETO, Aristóteles. Wuajá. **Povos indígenas no Brasil**, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wauj%C3%A1>. Acesso em: 17 dez. 2022.

BRAGA, Danilo. Um mestre na história indígena. Entrevista especial com Danilo Braga. Revista IHU on-line. 20 mai. 2011. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/173-noticias-2011/43474-um-mestre-na-historia-indigena-entrevista-especial-com-danilo-braga>. Acesso em: dez.2022.

BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 10 jun. 2022

BRASIL. Lei n. 11.684, de 2 de junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11684.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11684.htm). Acesso em 10 dez.2022.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Políticas contra-hegemônicas: o lugar dos índios na escola e na sociedade brasileira. In: **Culturas indígenas, diversidade e educação** / SESC, Departamento Nacional. – Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2019. ISBN 978-85-8254-082-4

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. RAE – Revista de Administração de Empresa, São Paulo, 1995.

GRUPIONI, L. D. B. Livros didáticos e informações sobre as sociedades indígenas no Brasil” In: LOPES DA SILVA & GRUPIONI (orgs.). **A Temática Indígena na Escola**. Brasília, MEC/MARI/Unesco, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20506-indigenas.html>. Acesso em: jun.2022.

KAYAPÓ, Edson. A diversidade sociocultural dos povos indígenas no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? In: Culturas indígenas, diversidade e educação / SESC, Departamento Nacional. – Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2019. ISBN 978-85-8254-082-4.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de investigaciones UNAD** Bogotá - Colombia No. 14, julio-diciembre, 2015. ISSN 0124 793X.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

MIRANDA, Isabella Gonçalves (2019), "Subcomandante Marcos ", Mestras e Mestres do Mundo: Coragem e Sabedoria. Consultado a 17.12.22, em [https://epistemologiasdosul.ces.uc.pt/mestrxs/?id=23838&pag=23918&id\\_lingu\\_a=1&entry=36115](https://epistemologiasdosul.ces.uc.pt/mestrxs/?id=23838&pag=23918&id_lingu_a=1&entry=36115). ISBN: 978-989-8847-08-9

MONDARDO, M. Descolonizando territórios na América Latina: esforços ontológicos e epistemológicos dos povos indígenas. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 6, n. 2, 2020. DOI: 10.23899/relacult.v6i2.1777. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1777>. Acesso em: 20 dez. 2022.

MORAES, Amaury César. Ensino de sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. Caderno Cedes, Campinas, vol. 31, nº. 85, p. 359-382, set./dez. 2011.

MORAES, Amaury César; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. Metodologia de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia. IN: MORAES, Amaury César (Coord.). **Sociologia: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010 (Coleção Explorando o Ensino Médio, v. 15).

MOREIRA, H. Critérios e estratégias para garantir o rigor na pesquisa qualitativa. Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia, v. 11, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/6977>. Acesso em: jul. 2022.

MUNDURUKU, Daniel. “Posso ser quem você é sem deixar de ser quem eu sou”: uma reflexão sobre o ser indígena. In: Culturas indígenas, diversidade e educação / SESC, Departamento Nacional. – Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2019. ISBN 978-85-8254-082-4.

NASCIMENTO, Rita Gomes do. A lei n. 11.645/08 e o ensino da temática indígena: fundamentos e desafios de um currículo intercultural para uma sociedade pluriétnica. In: Culturas indígenas, diversidade e educação / SESC, Departamento Nacional. – Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2019. ISBN 978-85-8254-082-4.

SAMPAIO, Jaqueline Santos. **Encontros possíveis entre ensino de história, imagens e arte: uma análise do livro didático história em movimento (2014)**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/171253>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa, 1998. **La Globalización del derecho: los nuevos caminos de la regulación y la emancipación**. Bogotá, Colombia: IISA; Universidad Nacional de Colombia. [Acesso em 15 dez 2022]. Disponível em: [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/La\\_globalizacion\\_del\\_derecho\\_Los\\_nuevos\\_caminos\\_de\\_la\\_regulacion\\_y\\_la\\_emancipacion.pdf](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/La_globalizacion_del_derecho_Los_nuevos_caminos_de_la_regulacion_y_la_emancipacion.pdf)

SANTOS, Caio Dayrell dos; HERRERA, Alexei Padilla. “Como negociar com quem não tem rosto?": Máscara, subjetivação e uso político do passamontaña na América Latina. **LUGAR COMUM**, Rio de Janeiro, n.54, julho 2019.

SERPA. Paulo. Bororo. **Povos indígenas no Brasil**, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo>. Acesso em: 17 dez. 2022.

SILVA, Afrânio. et al. **Sociologia em Movimento**. 1º ed. – São Paulo: Moderna, 2013.

SILVA, Edson. Os povos indígenas e o ensino: (re)conhecendo sociodiversidades na educação para as relações étnico-raciais. **Revista de estudos indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 1, n.1, p. 4-19. 2022.

SOARES, B. da S.; PEIXOTO, J. A. L. Cara de índio: diferentes visões sobre os xukuru-kariri em Palmeira dos Índios. **REVEXT - Revista de Extensão da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 279–290, 2017. Disponível em: <https://periodicosuneal.emnuvens.com.br/revext/article/view/139>. Acesso em: 16 dez. 2022.

Suruí Paiter. **Povos indígenas no Brasil**, 2021. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Surui\\_Paiter](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Surui_Paiter). Acesso em: 17 dez. 2022.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**. 2º ed. – São Paulo: Saraiva, 2010.

TRONCARELLI, Maria Cristina. CASTRO, Eduardo Viveiros de. Yawalapiti. **Povos indígenas no Brasil**, 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yawalapiti>. Acesso em: 17 dez. 2022.